



Se da dor são as lágrimas abono: um desconhecido soneto de Gregório de Matos dos tempos de Coimbra

FRANCISCO TOPA

Universidade do Porto – Porto – Portugal



Por definição, nunca um trabalho de edição crítica é definitivo: o aparecimento de novos dados ou a aplicação de outros métodos podem, a qualquer momento, obrigar à sua revisão. É de um caso do primeiro tipo que tratará esta breve nota, com a particularidade de o dado novo resultar sobretudo de um lapso meu. De facto, numa publicação sobre Gregório de Matos que apresentei em 1999, referi-me ao códice 10894 da Biblioteca Nacional de Portugal (TOPA, 1999, I, 1, p. 532-3), elencando um total de oito poemas nele contidos suscetíveis de pertencerem ao *Boca do Inferno*. Não me apercebi contudo do poema 237, que figurava na p. 457 e que vinha atribuído ao vate baiano. Pude notar a falha recentemente, quando, por outros motivos, voltei a consultar o documento.

O referido códice é uma miscelânea poética datada de 1703, pouco posterior portanto à morte de Gregório, que terá falecido em 1696, de acordo com Fernando da Rocha Peres (1983, p. 97). Na folha de rosto, o manuscrito apresenta o seguinte título: “Universidade/De/Eloquentia/Dividida em sinco Aulas, / q. comprehendem Obras / principalm.^{te} de Talentos Por- / tugueses. / Recupiladas de varios manuscriptos / por João Pereyra da Costa em Lx.^a / anno de 1703.”

Embora não apresente particulares motivos de interesse literário, o texto de Gregório, que é um soneto, tem alguma importância, não só por se referir a uma fase da vida do autor pouco refletida na sua obra – a fase de estudante em Coimbra –, como também pelo facto de ser possível datá-lo com precisão, o que nos permite identificá-lo como um dos mais antigos do poeta, escrito por volta dos seus 18 anos.

De acordo com a sua legenda, assinala a partida de Coimbra para a Baía de um companheiro de Matos de quem pouco se sabe: o licenciado Manuel Homem Correia. Com base no trabalho de Francisco de Moraes (1949, p. 20-1), temos porém acesso a mais alguns elementos: o destinatário era natural da Baía e filho de

Francisco Homem, tendo frequentado a Universidade entre 1647 e 1654, ano em que obteve o grau de bacharel e a formatura em Leis. Significa isso que Gregório de Matos, ingressado na academia em 1652, terá sido seu companheiro durante dois anos.

No soneto, Gregório de Matos recorre à 1ª pessoa do plural, dando conta da tristeza e do choro provocados pela partida do amigo. O poema é rematado por um jogo de palavras em que é convocado um elemento da paisagem local, o Mondego.

Vejamos então uma proposta de edição, feita de acordo com os mesmos critérios que usei com outros textos do autor (TOPA, 1999, II, p. 21-5):

Poema 237

Ausentando-se de Coimbra para a Baía o Licenciado
Manuel Homem Correia.
De Gregório de Matos

Se da dor são as lágrimas abono,
como em nós não será o pranto extenso,
pois quando a dor penetra o peito intenso
o canto mais alegre é triste ton[?]

Nunca o chorar da mágoa é desabono,
antes desdouro é ver-se suspenso,
porque quando o sentir se admira imenso
o mais canoro plectro é mais dissono.

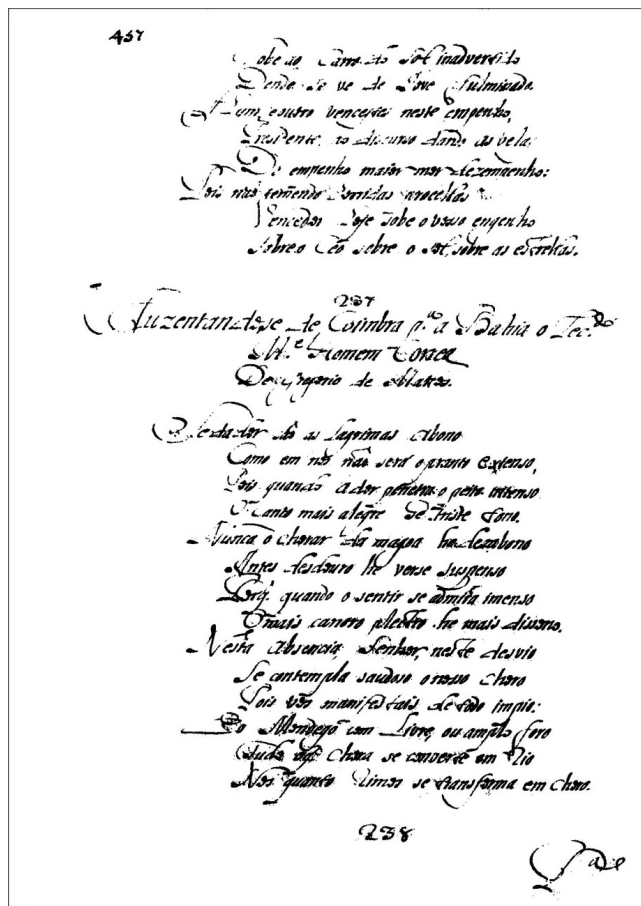
Nesta ausência, Senhor, neste desvio,
se contempla saudoso o nosso choro,
pois vos manifestais de todo impio;

e o Mondego com livre ou amplo foro
tudo o que chora se converte em rio,
nós quanto rimos se transforma em choro.

Note-se que conservei a forma arcaica *ausência*, apesar de esta ser, provavelmente, mais gráfica – e etimológica – do que fonética, e que há dois casos de deslocação de acento em palavras colocadas em

posição de rima: *dissono* (v. 8) e *impio* (v. 11). A rima obedece ao esquema clássico ABBA / ABBA / CDC / DCD, ao passo que o decassílabo é do tipo heroico, com a exceção dos dois versos finais, que são sáficos.

Uma observação final que importa fazer tem a ver com o facto de a chave do soneto estar muito próxima da que surge noutro texto de Gregório de Matos, o qual, ainda que não apresente elementos de datação, terá talvez sido escrito mais tarde. Transcrevo-o de seguida, a partir da edição que dele fiz (TOPA, 1999, II, p. 228-229):



Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 10894, p. 457

A um penhasco vertendo água

Como exalas, penhasco, o licor puro,
 lacrimante a floresta lisonjeando?
 Se choras por ser duro, isso é ser brando;
 se choras por ser brando, isso é ser duro.

Eu, que o rigor lisonjear procuro,
 no mal me rio, dura Penha, amando;
 tu, Penha, sentimentos ostentando,
 que enterneces a selva, te asseguro.

Se a desmentir afectos me desvio,
 prantos que o peito banham corroboro,
 de teu brotado humor regato frio.

Chora festivo já, cristal sonoro,
 que quanto choras se converte em rio,
 e quanto eu rio se converte em choro.

Referências

MORAIS, Francisco. Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil. *Brasilia*, Coimbra, IV, (supl.: Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador), 1949.

PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e Guerra: uma re-visão biográfica*. Salvador: Macunaíma, 1983.

TOPA, Francisco. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos*. Porto: Edição do Autor, 1999. 2 v. em 4 t.

Recebido: 22 de outubro de 2012
 Aprovado: 26 de novembro de 2012
 Contato: francetopa@gmail.com